

Turismo, cultura e Medicina

Tourism, culture and Medicine

De 12 a 15 de Maio deste ano, realizou-se em Florença o 2º Congresso da Federação Europeia de Medicina Interna. O local é emblemático, não só para nós, europeus, como para toda a humanidade. De facto foi ali que, a partir do século XIV, grupos de astuciosos comerciantes, entre os quais os Medici, ao mesmo tempo que acumulavam fortunas fabulosas, criavam condições para uma mutação cultural — o Renascimento — que iria abrir as portas à modernidade.

Percorrer a cidade é, por isso mesmo, muito mais do que uma visita a um gigantesco e fabuloso museu. É, sobretudo a oportunidade única para evocar e reflectir sobre um momento mágico que, num curto espaço de história, produziu génios como Giotto, Botticelli, Rafael, Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo, Cellini e Galileu. E para nós, médicos, é também um bom pretexto para rever, com particular atenção, os extraordinários desenhos de Leonardo da Vinci que, na era pré-Vesálio, dissecou cadáveres e desenhou, com espantoso rigor e talento, as estruturas anatómicas do corpo humano.

Internistas no Congresso eram muitos. Mas a delegação portuguesa, com mais de 120 elementos, marcou uma presença de peso. Por lá os vi a percorrer as ruas da cidade e os museus, num intenso banho de cultura que só lhes faz e lhes fica bem. Porque, citando mais uma vez a frase cuja paternidade tem sido atribuída a Abel Salazar, “quem só sabe Medicina, nem de Medicina sabe”.

Mas também os vi participar activamente nos trabalhos do Congresso e diga-se que nesse aspecto deixaram um rasto que foi muito notado não só pela qualidade como pela quantidade: 11 comunicações livres e 64 posters.

Para outros, este Congresso foi também a oportunidade para rever e contactar velhos amigos — todos eles destacados representantes da Medicina Interna Europeia — e recordar o caminho percorrido nos últimos 10 anos, que permitiu uma efectiva aproximação entre os internistas portugueses e os seus colegas europeus.

Tudo isso começou em 1990 no Congresso Internacional de Medicina Interna realizado em Estocolmo. Foi aí que se fizeram os primeiros contactos entre a Direcção da nossa Sociedade e o Prof. Ugo Carcassi, então Presidente da Associação Europeia de Medicina Interna (AEMI). Esta organização nascera de uma forma pouco ortodoxa, mas englobava já um número considerável de países europeus e tratava-se de saber qual a possibilidade de realizar, em Portugal, o seu 11º Congresso. Depois de complicadas negociações, o Congresso teve lugar na FIL, entre 6 e 9 de Novembro de 1991 e acabou por ser um importante acontecimento científico. Nessa altura foram eleitos os membros de Portugal e da Espanha para o Conselho da AEMI e, a partir daí, sucederam-se as reuniões, os convites e os contactos informais com a Direcção da nossa Sociedade, que permitiram uma aproximação e uma permanente troca de informações com profissionais dos vários países europeus.

Mas, em 1994, tornou-se claro que se impunha dar um salto qualitativo e transformar a AEMI numa grande Federação que englobasse todas as Sociedades de Medicina Interna da Europa. Este ponto de vista, defendido pelos representantes de Portugal e de Espanha, encontrou de início algumas resistências mas acabou por vingar. Em 1995, em Atenas, foi tomada a decisão de fundar a Federação Europeia de Medicina Interna que viria a concretizar-se um ano mais tarde em Paris.

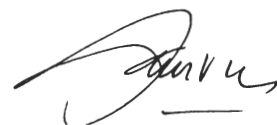
Este Congresso de Florença, depois do primeiro realizado em Maastricht, foi a consolidação deste espaço de convergência da Medicina Interna europeia e a confirmação do papel que nele têm desempenhado os internistas portugueses.

Acontece que, ultimamente, se tem criticado com insistência e algum excesso de zelo aquilo que já é chamado o “turismo científico”. Na opinião de certas pessoas, os congressos são para frequentar a tempo inteiro porque ciência é ciência, e turismo é turismo. Pela minha parte discordo deste ponto de vista, embora admita que haja nesta, como noutras áreas, situações anómalas e verdadeiros “casos de polícia”. Volto então ao Congresso de Florença.

Não tenho qualquer dúvida em afirmar que, dar duas voltas de admiração em torno do David de Miguel Ângelo, decifrar até às tonturas a banda desenhada que, lá no alto, forra a cúpula do Batistério, ou saborear (que me perdoem os portuenses) as deliciosas tripas à florentina, são experiências insubstituíveis que só enriquecem. Porque, além do prazer e da emoção que provocam, contribuem para ter uma visão mais clara de um mundo cultural que é complexo e multifacetado, mas em que as dicotomias rígidas que têm separado as diversas áreas do conhecimento, tendem a esbater-se para dar lugar a uma interacção criativa e potenciadora entre as várias disciplinas.

Pela minha parte, devo revelar, que ao admirar agora o “Nascimento de Vénus” de Botticelli, fiquei finalmente a saber onde é que os chamados pintores pré-rafaelitas se tinham ido inspirar para, nos finais do século XIX, inventar a Arte Nova. Só isso valeu, para mim, esta deslocação a Florença.

Mas quero ainda fazer mais uma confissão pessoal que, como diria o Eça, “tresanda” ao patrioteirismo do “*Raposo, Português de Aquem e de Alem-Mar*, da Relíquia. É que, ao admirar todas as maravilhas de Florença, vieram-me à memória os nossos valentes antepassados que, no princípio do século XVI, apareceram de surpresa no Índico com meia dúzia de naus — que era o que de melhor se fazia, na época, em construção naval — e, pela rectaguarda, provocaram o primeiro abalo neste arrogante e magestoso universo de cultura, de poder e de dinheiro. Também eles estavam, afinal, a abrir as portas ao mundo moderno e, com meios hoje considerados ridículos, iriam de certo modo ser os arcaicos pioneiros do hibridismo cultural e da aldeia global em que actualmente todos vivemos.



Barros Veloso